

QUINTA-FEIRA
Lisboa--6 de Janeiro-1927

5 TOSTÕES



35

sempre
fixe *o* **semanal**
humorista

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

Um bôlo de "massa,, pesada



-- "My dear,, Zé, você ter a fava, por isso pagar bôlo todos os anos até 1988, ou paga as favas duma vez. Como querer...



Os ditos da semana



A minha vizinha, que tem um canario que não canta e um papagaio que não fala, estreitou umas meias de seda no Ano Bom. Todo o santo dia, no alto dum segundo andar, que pôde ser observado à vista desarmada, por qualquer transeunte com lume no olho, a minha vizinha mostrou as meias de seda. São um encanto, confesso! Abençoada tradição que obriga as meninas a estreiar qualquer peça de vestuario no Ano Bom, só para que o ano não seja mau em presentes. Mas as meias... Ah! sim as meias. Cór de carne, morango com calda rosicler; magnifica malha de seda virginal, tecida por Eva no Paraizo do amor.

A minha vizinha ainda se não estreiou na vida, embora tenha um namôro gentil, o unico a quem ela não mostra as meias de seda, por ordem da mamã. Compreende-se! As meias são finas, excessivamente finas, podem romper-se com facilidade. Qual-quer acidente, um farpõsito, e lá se vão sessenta escudos e um casamento por água abaixo.

—Porque não segura as suas preciosas meias?— perguntei à minha vizinha, que é o mais gentil que conheço como vizinha.

—Não posso! Não quero! Adoro o perigo! Provoco-o mesmo.

E, depois, sorrindo, infinitamente:

—Se assim não fôsse para que me serviam as meias...

Está certo! Aquela malha de seda deve ser a malha de ferro de algum marido infeliz...



Um milionario americano, ao desfazer-se das vaidades da terra, morrendo, resolveu legar parte da sua fortuna — 50 mil dollars, ao seu cão favorito. Até aqui há um cão, 50 mil dollars, e uma excêntrica americana, do sr. Thomaz Richard Adams, que não faz mal a ninguém. Há, porém, uma cláusula do testamento do sr. Richard de véras curiosa: se o pobre cão morrer a fortuna passa para o sobrinho e para as suas sobrinhas...

O cão, que é honestissimo, foi há muito condenado ao

celibato por um veterinário ginecologista que, incontestavelmente, pertence à França...

Um conselho: não sejamos francófitos!

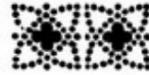


A Casa dos Bicos, célebre pelas saliencias simbólicas, monumento de algumas infelicidades conjugais, caiu em desgraça, apesar de ainda não ter caído em desuso. A Camara Municipal anda às voltas com ela. Quere uma reconstrução de bota-abaixo. Como sabem o imovel até hoje tem servido de depósito de bacalhau a um armazenista de pichelim. O peixe da Terra Nova tem amolecido, sem intervenção municipal, exactamente como as queixas,

duras de roer, dos maridos ciumentos.

O paralelo e o bico—estão certos! O que pretendem os edis? Como a população lisboeta aumentou, aumentar também os bicos, para assim estabelecer a verdadeira estatística dos divorcios, muito atrasada, há anos a esta parte. A casa está apenas no 1.º andar, quando devia já ter águas furtadas. Mas a Camara Municipal não gosta de exagerar os acontecimentos.

Nem 8, nem 80, para não envergonhar ninguém. Se assim não fôsse, dir-se-ia que Lisboa queria bater o record



Lisboa civilisa-se. Tivemos um tremor de terra; depois um nevão, agora vários nevoeirosinhos, dum interesse restrito, mas artistico.

O mais "fixe," dos reconhecimentos



Francisco Valença, muito derretido, apesar do frio que tem feito, agradece, de todo o coração, a imerecida amabilidade com que o *Sempre Fixe* o brindou no numero passado.

O discurso de Pedro Bordalo, por mal empregado, teimou em não lhe sair da boca fechada, a gentilissima prosa de Artur Portela atribuiu-lhe meritos que realmente muito desejaria ter e o lapis gracioso e amavel do seu colega Amarelhe construiu-lhe a unica estatua que lhe ia bem: uma estatua de papel, que uma leve aragem imediatamente demoliu.

Como se vê, é «Napoleão»... em Waterloo.— F. V.

—Gela-se, hein!
—Até que enfim, homem. Não sou só eu que ando gelado.

—E o tremor de terra, s'entististe?

—Estava deitado. A minha mulher que te conte...

—Que dizes ao nevoeiro?

—Magnifico. É a melhor maneira de escapar aos créditos. Torno-mo invisivel.

Como vêem, estes incidentes da fisica universal, não são perniciosos. São até necessarios à vida do lisboeta. Depois, como há censura, tornam-se excelentes para os jornais.

—O que há hoje?— pergunta o director.

—Nada!

—Nevoeiro a 4 colunas. Esteja de piquete toda a noite e reserve a «última hora» para os tremores de terra.

—Mas pode não haver nevoeiro!... E como arranjar um tremor de terra se ela está tão socegadinha?

—Há sempre! Faça como na America: invente os acontecimentos, antes que eles se produzam.

—Mas...

—Qual mas, nem meio mas! Sabe quantos meses são precisos para nascer um menino? Nove meses! No entanto, bastam três minutos para o encomendar; na America já se encomendam em três segundos. Pois faça o mesmo: antecipe os partos da natureza. Para isso é que eu lhe pago...



Nunca tivemos tanto dinheiro, como agora. A Casa da Moeda despeja cobre, recolhe cobre, troca cobre— tudo em cupro-niquel. As moedas de 50 centavos, para não haver enganar, são iguais as dum escudo. As de 10 centavos, cunhadas das de 20, têm cunho para todas as caras. Esta recente medida monetaria beneficiou imenso o público, que paga sem se sentir, como qualquer poeta em ablativos estomacais, faz versos pela mesma via. Tudo com limpeza... As moedas, porém, cansaram-se de ser enganadas... Não querem mais fadário, Mariana! O giro já não dá nada. Ninguém as quere. Falta-lhes a liga, uma boa liga, para subirem de preço...

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Pobres flores! Como estão fóra da moda, com as cabeças tão frisadas!



—Antes de nos casarmos eras mais carinhoso. Prondias-me sempre as mãos.

—Isso era para não tocarem piano.



—Que maçada está! Tocar nocturnos logo de manhã e tirar-me á noite o sono com as sonatas!



—Podes comer á vontade, Lili...
—Muito obrigada. Estou habituada a comer lá em casa carne tão dura como esta.



Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

VERBO AMAR verbo comer

HISTORIA DA DOURADINHA

A Douradinha era uma Donzela toda pacata; Bonita como nenhuma, E uma vózinha de prata,

Era fatal que um poeta, Destes que o são por desgraça, Lhe contasse a excelsa graça De virginal violeta.

O idílio começou Com muitos versos e luar. Tudo dizia a cantar: P'us os fez, Deus... juntou!

Mas o que é bom é ligeiro... —Em frente morava, então, Com gorduras de balcão, Um tio seu, mercieiro!

E a graça que Deus lhe poz, Sou bolo e doce amavel, Vivia á custa do amor E das batatas do tio.

Oh poeta desgraçado! Como havias de vencer Se um poema apaixonado Não vale o verbo comer!

Claro que, entre as feijões E os versos, a Douradinha No hesitou no caminho: Mandou á fava o Camões!

O poeta sofreu tanto Que fez versos imortais; Puros suspiros e ais Em linguagem de encantol

Mas um dia teve um sonho: —Vivia, foliz, com Ela, Numa casinha, á Estrela, Longe do mundo modonhol

Como viviam? Sonhandol Pombinhos arrulhadores, Comiam brisas, flôres... —Suspiros de quando em quandol

Eram poemas infindos A' sua graça, ao seu nome. —«Ai, Amor, como são lindos, Mas estou com tanta fome!»

Quando acordou e se viu Sósinho, sobre o seu leito, Teve um riso satisfeito Que nunca mais lhe fugiu!

Então, rimar prazenteiro: —Inconscientes poetas, As vossas asas inquietas Não valem um mercieiro!

Dom Martinho

BOM HUMOR

Duas horas da madrugada. Toca o telefone.

—Allo! mamã! E's tu?
—Sou, o que queres a esta hora?
—Nada, mamã! Apenas um conselho. O medico ordenou ao Alberto que tomasse de duas em duas horas uma colher de calmante...

—E então?
—E' que chegou a hora e ele está a dormir
—Mas... que doença é a dele?
—Insomnias!

—Sim, mamã... quero ser noiva.
—Não digas isso, filha! estás ainda muito nova para te casares...
—Mas quem te diz, mamã, que preciso casar-me para ser noiva?

Alice:—Isto é uma vergonha, Maria! Esta mesa tem tanta poeira, que posso escrever nela o meu nome...
A criada, cheia de admiração:—Ahi minha rica senhora, a instrução sempre é uma coisa muito boa!

Ela—A minha mãe está muito zangada contigo...
Ele—Porquê? Não te abracei como de costume...

Ela—Justamente! Ela esteve toda a noite a espreitar pelo buraco da fechadura para ver afinal muito pouca coisa!

Perguntaram uma vez a Rudyard Kipling:

—Se por qualquer catastrophe o ho-

mem desaparecesse, qual era o animal que devia ser escolhido para rei da criação? O elefante talvez...

—Não!
—Porquê...
—Porque é muito honestol

A mamã:—Porque não me chamaste quando o teu namorado te abraçou?
A menina:—Ameaçou-me...
A mamã:—De quê?
A menina:—De nunca mais me abraçar.

O judeu Isaac ao entrar em casa ouve barulho, no gabinete, onde instalou um magnifico cofre.

Saca da pistola e dirige-se ao gabinete, onde encontra um gatuno, manejando chaves falsas.

—Levante as mãos senão disparol
O ladrão, com todo o sangue frio:
—Dou cem francos pela pistola!
Isac:
—Negocio feito. E' seul

O cliente:—O senhor garante-me que estas calças são todas de lã...
O lojista:—Não o que enganar: os botões são de osso.

—Explique, papá, o que quer dizer falencia?

—Abrir falencia, filho, é quando se guarda o dinheiro na algibeira das calças, abandonando aos crédores o casaco vasio...

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Cala-te! Tenho medo dum acidente. Não ves aquela árvore que vem sobre o automóvel.



—Trinta anos de progresso... masculin.



—Que lindo vaso grego!
—Tenho um mais bonito na minha meza de cabeceira...



—Diabol! Quem será? A minha noiva ou o meu futuro cunhado?

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O Teatro Politeama deu á luz uma peça policial—*Gatunos*. A companhia meteu empenhos e não foi parar ao Governo Civil. No entanto teve que dar fiança — afiançada pelo Luis Pereira.

Na primeira noite, o publico estava muito desgostoso. Tanto! que um dos espectadores vociferou:

—Não há dúvida que os *Gatunos* são tão bem representados que quem ficou roubado fomos nós!

■ ■ ■

Quem quiser fazer um cartaz sério dos espectáculos que nos dão agora os teatros, tem que se rir um pouquinho:

O Eden — com a *Bala Humana* — parece o Coliseu.

O Gimnasio — com o *Caso do Dia* — o Centro Socialista do Bemformoso.

O Trindade — com as *tondilleras* espanholas — o Maria Vitória, com revista por sessões.

Idem, brevemente, no Gimnasio.

O Politeama — com os *Gatunos* — o cinema Olimpia do O'Donell.

O Variedades — com a *Fruta verde*, temporã, — Praça da Figueira, em dia de bom mercado.

Está tudo invertido, e cada vez se ganha menos dinheiro.

■ ■ ■

Lisboa conhece, e ainda se lembra, certamente, uma espanholita adiposa, olhos negros, vózita de toutinegra, que arribou um dia ao Trindade, com as revistas e os materiais da Velasco. Chama-se Blanca Pozas.

Pois a Blanca pouzou em emprezária e montou uma revista, em qualquer cidade de Andaluzia. A certa altura do espectáculo, má altura, como se viu depois, havia um quadro de intenção artistica, representando uma doirada alcova. Eva despia-se, lenta-



Henrique Alves-Silvestre Alegim

Amostras antigas duma graça sempre moderna

mente, num ritmo de bailado, depois perfumava-se, em seguida penteava-se, com tanta soma destes e outros detalhes vagarosos, pacientes, infinitos, que um *galinheiro* atrevido, não se conteve que dissesse:

—Então a dama não *mea!*

Quem não perceber o espanhol troca o *e* do diuretico vocábulo por um *i*, acrescenta-lhe um *j* e vêja se não dizia a mesma coisa...

A empresa que, primitivamente, explorou o Variedades, albergou um cão vadio, exemplar sem raça, nem destino. O bicho deu-se bem e passou a ter nome:

«Gatuno».

Não se trata dum simbolo, — nem mesmo dum numero de revista:

E' simplesmente uma *mascolle*, tão educada, que sendo cão, é o unico que não ladra...

O José Climaco, que foi actor e agora empregário, prepara-se para ser autor.

Em 3 tempos—3 profissões! Já tem título para a nova revista do Eden:

Rosas de Portugal.

Bonito e lindo, não há que vêr.

Esperamos que as *rosas*, mais sugestivas que os *morangos*, mas menos alimenticias, não espinhem com os aculeos as ilusões fagueiras do nosso bom Climaco.

■ ■ ■

Fruta Verde — no Variedades.

Quem meteu o dente na tradução foi o Alberto Moraes, mas quem a descascou foi o Lino Ferreira.

Para outra vez será o contrário.

■ ■ ■

O Silva Tavares tem cobrado tantos direitos, que já endireitou a vida e empregou-se como cobrador. Consulta com frequencia os cambios e prepara-se para fundar um escritório com esta taboleta:

Aceitam-se encomendas de revistas do ano. Fabrico em 24 horas. Versos e outros productos agricolas, como azeitonas, espigas, passas e amendoas, vendem-se por qualquer preço.

■ ■ ■

O fenómeno matemático:

—Posso dizer a qualquer espectador o numero exacto de cabelos que possui.

Indicando uma cabeleira intonsa:

—Dois milhões, cento e cinquenta e seis mil, duzentos e vinte quatro.

Espanto na plateia.

O da cabeleira intonsa, apanhando um cabelo caído na gola do casaco:

—O artista contou com este?



— Uma vez, pelo Natal, também experimental pôr as botas na chaminé.

— A' noite, lá as deixei, esperançado no Menino Jesus.

— E tinham alguma coisa dentro? — Quall Roubaram-m'asi!

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

Fado do Rocio

MOTE

Os desgraçados grilhetas
andaram anos a fio
com pedras brancas e pretas
a calcetar o Rocio.

GLOSAS

Quando se fez a «Memoria»
a El-rei D. Pedro quarto
o tesouro estava farto
regundo nos conta a historia.
Desse bons tempos de gloria
inda existem uns jarret...s
que nos contam, entre tretas,
de ter visto, como obreiros,
armados em calceteiros
es desgraçados grilhetas.

ao Rocio coube a sina
de ter tido um Paiva e Pona
que lhe transformou a zona
na estrutura Pombalina
E a alegria cidadina
por encanto, então, surgiu
nesse Largo grave e frio
aonde os nossos avós
por sobre a pedra liós
andaram anos a fio.

Dizem que no pedestal
colocaram, por «engano» (?)
um Imperador Mexicano
em vez do vulto real...
mas como isto é quasi igual
o Monarca por lunetas
e, ao ver autas e carretas,
a passar no novo asfalto
até sonha lá do alto
com pedras brancas e pretas.

O D. Pedro, por chalaça,
ao ver a evolução
dos costumes da nação
disse—isto é uma desgraça!
Se eu tivesse, d'actual raça,
o vigarista radio
e o politico sadio,
na minha luza guardada
garantia-lhes a vida
a calcetar o Rocio...

JOSE BARBOSA

LOJA INFANTIL

◇ ROCIO ◇

E' no Rocio, entre mil
e uma loja afamada,
que se veste a **petizada**
isto é — na **Loja Infantil**.

Procurem por toda a parte
que não se encontra á porfia
com bom corte, gosto e arte
nem com tanta economia...

Por isso quem é distinto
só vai ao **Suzano & Pinto**.

ROCIO, 114-115

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

DE MONCO CAIDO

CARTA DO ANO-NOVO

...estritamente confidencial

DONA CENSURA:

Os meus respeitosos cumprimentos e de toda a numerosa Familia que caminha na torcicolada estrada das Letras com as precauções de quem viaja de automovel pelas estradas do País, e a favor das quais inumeros creditos se têm aberto para tapar as respectivas aberturas, que são o maior atractivo das mesmas estradas. Estas aberturas têm a conveniencia de abrir rapidamente a fronteira para os estrangeiros que nos visitam poderem sair depressa e de abrirem com frequencia as portas dos hospitais e muitas vezes dos cemiterios aos infelizes premiados na Loteria:—«Vítimas de Desastres».

E' a segunda vez que me dirijo por escrito a V. Ex.^a. A primeira foi num diario da capital. Escrevi uma carta onde censurava (esta palavra é muito apropriada, embora pareça um paradoxo censurar a Censura!) a attitude de V. Ex.^a, pois me obrigava a suspender a colaboração em verso naquelle diario. V. Ex.^a recebeu a minha prosa, leu-a e deixou-a vir a publico sem nenhum corte, facto este tão involuntario que o revisor do jornal, como-vi, deixou passar dezenas de gralhas, bichos incómodos que arreliam todos aqueles que, com o mesmo carinho com que o jardineiro trata as rosas, cultivam as Letras, estas muitas vezes com mais espinhos que as referidas flôres.

Volto hoje novamente á vossa presença, já que infelizmente a vossa ausencia ainda se não fez sentir, e aproveito esta oportunidade para lhe descejar um novo ano repleto de inumeras venturas e prosperidades que V. Ex.^a merece.

A fotografia de esmalte representará uma mulher feia e de expressão feroz, provavelmente a eleita num Concurso que o *Sempre Fize* em breve iniciará, intitulado:

A RAINHA DAS SOGRAS

Tudo acaba nesta Vida. Acabaram os Partidos que estavam completamente fragmentados e alguns em estado de putrefacção; acabou o azeite de sete escudos e cincoenta centavos e acabou o ano de 1926.

Acabei por perder o meu bom humor que tinha dentro da carteira em substituição do dinheiro e temo perder o juizo e acabar com a Vida, comendo um daqueles perus doentes que certo *benemerito*, por telegrama, requisitou a um parente, dizendo que mesmo assim se vendiam que nem galinha! Nós é que *engalinhamos* com a bicharada!!

Escusado será afirmar que os perús doentes abundam na Capital, pois os jornais, com a publicação do telegrama, incitaram outros *benemeritos* a fazer o mesmo. Eis como por causa dum telegrama... a população tem de *gramar* a bicharada doente. Um perú

que entrevistei no Largo da Anunciada, depois de me ter feito anunciar, é claro, confessou-me estar necessitando de tratamento anti-sifilitico e disse-me que era caso até para ele e toda a familia serem vendidos mais caros, visto todos saberem que os medicamentos para a conservação da Vida... estão pela hora da Morte. Concordei em parte mas observei-lhe que nesse caso haveria muito individuo que não tendo posses para adquirir um perú... se contentaria em apanhar uma perú. O entrevistado concordo comigo e após as despedidas cordiais do costume, prometi-lhe que, se ele fosse apanhado pelo Sub-delegado de Saude, o iria viistar á casa mortuaria.

V. Ex.^a, Dona Censura, possuidora dum mau humor cujas consequencias suplantam as do terramoto de 1755, decerto não colaborará nesta minha prosa com o seu brilhante lápis azul que difere do do Mestre Valença não só na cor como tambem no fim a que ambos são destinados o d'Ele constroe e o vosso arraza!!

Do resto, o pomposo nome de V. Ex.^a está muito acima de qualquer *Rocio* vulgar de Linneu e bem assim do qualquer *Sempre Fize*. E compreende-se. Este jornal é só *Fize* e V. Ex.^a, segundo pretende demonstrar, é *fize*... e garantido por alguns anos como qualquer relógio de boa marca... Comparo-vos ao relógio pelo facto de terdes corda e um envólucro de Prata. E' bem notavel, porém, a diferença entre V. Ex.^a e um relógio. Este só trabalha depois de lhe darmos corda. V. Ex.^a não necessita de corda para trabalhar! Como sois uma Mulher de sorte, decerto que o novo ano em que entrámos, vos osculará a fronte peregrina. Já eu não digo o mesmo, pois a Sorte não me bateu á porta. Tambem, não admira! Quasi nunca estou em casa...

Nesta epoca de crises e dificuldades de toda a especie, em que ninguem dá nada, vou ter um gesto tão heroico que se algum agiota me ler ficará espantado: Dar-vos um conselho!

Estou certo que por esta ousadia á minha carta não ficará em risco de apanhar dois riscos azulados, dos tais que nos perturbam com as perturbadoras olheiras de certas senhoras...

Eis o conselho: Os vossos pecados são muitos e enormes. Para os redimir—e tambem para arreliar o Hamlet—dir-vos-ei:

«Dona Censura, como não sois uma mulher grave, abandonai esse Convent!!»

ROCIX



AO FAZER DESTA...

Missiva dum moço de esquina

Minha querida Miquelina

Mandeí botar a mão á pena para te dizer que te vás preparando para o nosso casamento que se deve rialisar lá pra a semana Santa, por mór de que eu vou começar a enriquecer, in vistas de vir ahí muito dinheiro de lá de fóra. Nã vês ca gente tinhamos uma divida á Inglaterra, por causa daquelas coisas da Guerra e agora vamos paga-la pra ficarmos ricos. Assim ca gente pagar o que deve eles despois tornam-nos a dar a massa emprestada, porque já teem a certeza de que semos honrados e paguemos o que devemos. E despois, quando se chegar á altura de pagar arrepete-se a mesma comedia, paguemos e torne-mos a pedir emprestado. Diz o Ramon galego, que era empregado num banco da Galiza antes de andar e vender a agua dos chafarizes, que isto é uma especie do que ele faz no taberneiro da esquina: ele vende-lhe a agua, o taberneiro deita a agua no virho e despois vende-lhe o vinho com agua e ficam todos em bem, porque o taberneiro não lhe paga a agua mas ele tambem nã lhe paga o vinho. Diz que bem sabe que se andam a comer um ao outro, mas que não se importa, porque quem ha-de ficar roubado é o taberneiro. Aquilo é que é um raio dum homem esperto. Mas cumo te ia dizendo, vai arranjando os trapinhos para a gente se juntar, que isto de enriquecer nã demora uma loja de barbeiro. Assim que chegar a massa nós vamos alevantar o preço dos recados. Uma carta ao Conde-Barrão quinhentos escudos, uma trouxa da estação do Rocio ao Campo Pequeno, um conto de reis, um piano da baixa a Gomes Freire cincoenta contos e assim tudo á proporção.

Ninguem se negará a pagar porque cumo o dinheiro é lá da estranja e em se acabando vem mais pelo tal assistema de—toma lá e dá cá atravez—os freguezes não olham a despesas e querem é o recado feito. D- mais a mais o comercio diz que vai dar o exemplo.

E já agora diz ao mê pae que te dê os 25 escudos meus que lá tem e vai leva-los ao Zé da Mó e diz-lhe que é o dinheiro que eu lhe devo, que eu cá sou honrado e pagador mas assim que ele os arreceber pede-lhos outra vez emprestados e entrega-os ao mê pai, que ou nã quero brincadeiras ca massa. Se o Zé da Mó puzer alguma duvida diz-lhe que ele nã perdona nada com o negocio, Mas se ele atei-mar dá-lhe de pinhor um maço de cigarros *Mondegos* que eu deixei dentro do bahu.

Adeus, minha rica Miquelina até calquer dia que a gente havemos de fazer un negocio parcido com, beijos eu dou-tos e tu tornas a mos emprestar.

Saudades do teu

Zé Maria

BRISTOL CLUB DANCING
O MAIS ELEGANTE

LINGUA DE FÓRA

Um bocado

de
portuguez
não faz mal a ninguém

O *Sempre fixe* é de sua graça e por graça dos seus leitores, o defensor, de graça, da graça nacional, onde quer que se acoite a graciosidade da boa lingua gracil. Pesada graça considera, pois, e tem o dever de protestar contra toda a má lingua, visto que isso é verdadeiramente uma desgraça.

Ora, começamos a ver que, desgraçadamente, a linguagem lusa não cai em graça dos julgadores e cultivadores do nosso fértil vergel linguístico. Desvaloriza-se a moeda e desvalorizam o lexicon. Baixam os padrões e sobem a mais as importações de termos, desequilibrando, sem graça nenhuma, a balança do idioma, livre de peso para se segurar no fiol.

Se os pés já não podem andar na rua por causa do peijamento da força motriz, a li gua esta arriscada a sair da boca num cosmopolitismo desgraçoso para a justa vaidade patriótica.

Chega-se a não saber onde estamos e não nos entendemos no progresso da pretensa desnacionalização que, graças a alguns teimosos, não conseguirá ainda passar a fronteira do senso.

Contentemo-nos em pôr *Paris em Lisboa*, no Chi lo; o castelo e parque de *Versailles* em pastos da Avenida da República; uma *Bouhonnère* para sapatos; e *Milleparures* do largo dos Restauradores verem estes despirem-se para ficarem Praça da Condição, reduzida ao *Tivoli* que é uma rica mesga de fita á imagem do sitio romano. O *rendez-vous Trianon*, etc.

E' assim, também, que a gentil actriz Amelia Rey Colaço, de gentileza fisica e intelectual, fez graça ao caso do dia de Carmen de bem dizer em três linguas o que é uma mulher original espanhola em scena lusa. Só o talento conseguirá fazer-se perceber por todos, como ela de boa graça e com graça se fez; com os de palco não admirando porque os ensaiou, mas com a massa já admira visto o publico ser burro velho... Perante o poliglottismo é preciso arranjar uma interprete... da lingua falada.

E a semente é perigosa. E', por isso, igualmente que o Trindade já anuncia a sua nova peça com a tradução apenas do artigo do titulo francês: «A Garçonne» («La Garçonne»). Isto assim entende-se e não ofende a ignorancia do maior ignorante. Só se traduz para quem não sabe.

Todas, porém, sabem que a «Garçonne» foi um romance de Paul Margueritte, que fez escandalo e lhe valeu ser riscado da Legião de honra. E' claro que as scenas escabrosas do livro não passaram para o tablado. Nos dictionarios franceses não existia antes a palavra «garçonne», mas sim «garçonette», que era a rapariga que brincava como os rapazes. Mas cortou os cabelos, masculinizou-se e tiveram de feminizar masculinamente o termo.

Os distintos tradutores da peça, com merito e que não são dos que só arranjam fama e proveito para o seu trabalho, tiveram modo, certamente, e não verteram o titulo, concorrendo para a invasão das expressões francesas desnecessarias. Porque não traduziram para *Maria-rapaz*, tão antigo e tão corrente de verbalização ou recorreram á grafia da regra chamando-lhe a *Rapaza*? Foi o que os franceses fizeram. E' porque não *Raparigota*, que é o que quer ser. Só por ser francês, que não é mais femca-macho.

E se, sensaboronamente, isto escrevermos é para os que têm graça e talento não inquem com clo portas a dentro do seu raciocinio e do saber filibético.

Ora graças,
JOSE PARREIRA

ACTUALIDADES

O CHAPELINHO ENCARNADO

Delicadezas do Armando...

Quando ele entrou, foi um sucesso. Já de si, ele era bonito. Marchava com passo de dança e possuia na voz uns tons brandos, doces, ás vezes cortados por suspiros tão galantes...

Foi um sucesso a sua entrada.
—Que lindo chapéu, Armando! Que lindo!...

—Parece um chapéu cardinalicio...
—Um chapéu purpurino...
—Um chapéu de princesa...

Uma senhora da assistencia, uma destas senhoras a quem é de uso chamar «um frasquinho de veneno», exclamou:

—Parece um chapéu de princesa do écran...

* * *

Houve risos e trocas de lugar.
—O' Armando sente-se aqui...

—O' Armando você está hoje muito bonito, mas muito romantico... A sua palidez, hoje, é mais natural...

—O' Armando!... Você tras hoje cara de sereia. O chapéu encarnado, quer dizer alguma coisa...

—O' Armando, você já mudou a marca de perfume... Ail... Sente-se... Perturba...

O Armando, muito gentil, em biquinhos de pés:

—Mas vim perturbá-las? Em quem falavam?

—Estavamos a ouvir historias...

—Historias?
—Sim! Contos da carochinha...

O Armando suspirou.
—E que historia contavam?

* * *

Adiantou-se o frasquinho de veneno e disse com uma boquinha copiada dos sorrisos de Armando:

—Contavamos uma historia que nom de proposito.

O Arman' suspira novamente.

—Falavam então da historia da menina do chapelinho encarnado?

—Menina!...
—Sim! Menina!...

O Armando, comendo o cabelo.
—Que amabilidade!...

—Não conheço a historia?
—Não me lembro.

* * *

—E' muito simples. A menina leva um chapelinho encarnado. E' loba também o jantarinho para a avó. O preveroso dum lobo entrou em casa da avó, e comeu-a com sapatos e tudo. Quando a menina do chapéu encarnado chegou a casa da avósinha, no lugar da avó, estava ali o maroto do lobo. O mariola, tinha vestido as roupas da avósinha e meteu-se na cama, a fugir do doente.

Quando a menina entrou e viu o lobo, perguntou-lhe:

—O' avósinha, para que tens tu hoje uns braços tão grossos?

—Para melhor te abraçar.

—E uma boca tão grande?
—Para melhor te comer.

E o lobo papou a menina do chapéu encarnado.

* * *

O Armando está muito triste. Muito mal disposto.

—Que tem Armando?
—Vou-me embora... Estou nervoso... As suas ordens, minha senhora...

O frasquinho de veneno, sacudindo as frases com o loque.

—Não deviam contar a historia do lobo, exactamente hoje, quando o Armando apareceu de chapéu encarnado. Ele é muito impressionavel.

—Adeus, minhas senhoras...
—Adeus Armando... Tenha cuidado não o papem... Vá num taxi. Verdade que não ha lobos... mas ás vezes...

GRAÇA ALHEIA

Anedoctas

em
trez linhas

—Tens a certeza de me teres escovado este fato?

—Sim, patrão.
—Admira-me. Acabo de encontrar cinco escudos numa das algibeiras.

* * *

—Não tens irmãos pequenos! Então em quem é que tu bates lá em casa?

* * *

—Como se explica que não dote sua filha?

—Porque o noivo a pediu declarando que a achava um tesouro.

* * *

—Isto não é bife, é uma sola!

—Por cinco escudos é-nos impossivel dar um par de botas.

* * *

—Vindo tão tarde para casa porque não compra um revolver?

—Confio mais nas minhas pernas que nas minhas mãos.

* * *

—Doutor, perdi o apetite, tenho dores continuas e não consigo dormir.

—Entendido. Mas fóra disso passa bem?

* * *

—Não é nada de cuidado; neurastenia e um ataque de gripe. Para a neurastenia dê passeios e para a gripe não saia da cama.

* * *

—Comeste todos os doces. E que devia eu fazer-te agora?

—Dar-me agua porque estou enjoado.

* * *

—Zangas-te tanto que não imagino o que farias se te desse um segundo beijo.

—Experimenta o verás.

* * *

—Porque andas desconfiado com o nosso caixa?

—Porque o vejo consultando a guia de caminho de ferro.

* * *

—Como pretendes encontrar a tua carteira nas minha algibeiras?

—E' que já a busquei nas minhas, e não está.

* * *

—Porque é que o menino não é agradável á sua professora, estudando a lição?

—Porque a professora me dá beijos quando estudo.

* * *

—Essa garrafa de vinho é, para ti, a unica esperanza de esquecimento?

—Não. Tenho mais algumas na frascueira.

* * *

—Deviamos descansar 365 dias cada ano.

—Não chegaria, porque tinhamos que trabalhar um dia cada quatro anos.

* * *

Pela tradução
PEREZ-LACHAISE



—Assustaste-te muito com o sismo?
—Nem por isso. Recelo mais o fascismo.

BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 ás 22 h.

BRISTOL CLUB DANCING

O UNICO SEMPRE EM FESTA



Ralharam as comadres...

OU

A polemica Camões-Rua da Rosa

Oh! Vinde ler, senhores, a bela prosa de interessantes e finos palavrões, em que o bi-semanario ali da Rosa descompõe o da Praça de Camões.

Vinde ler! Vinde ler!

— «Sua bêsta! Seu burro! Seu camelo!»

Aquilo é que é escrever!

O outro, o do Camões, de mau cabelo, agarra num estadulho compridissimo; e como se um moscardo

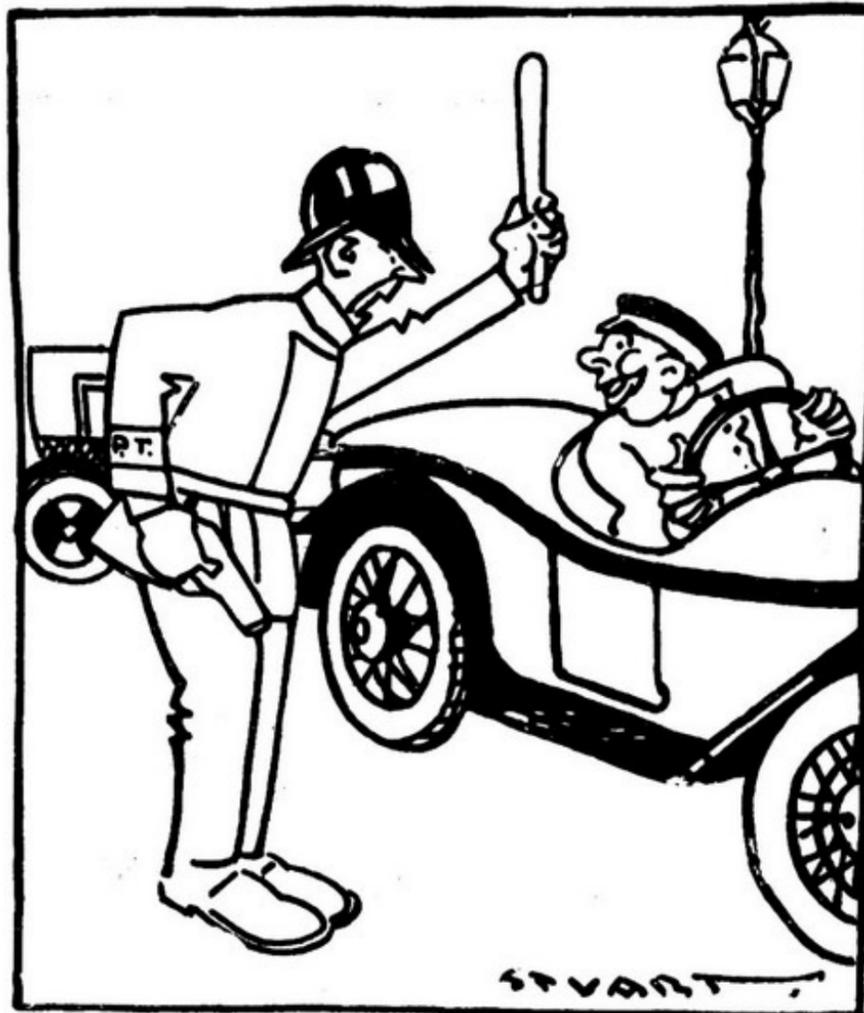
o tivesse picado — irritadissimo,

escreve assim: — «Sua besta! Seu burro! Seu javardo!»

Interessante! Não acham? Com franqueza enriquecer a prosa portugueza, com obras dum valor tão comprovado é caso p'ra pedir sem mais receios, aos pés de tais escritores ajoelhado:

— «Insultai-vos senhores, que com certeza, inda haveis de saber mais nomes feios!

ZÉ MARIA



— Então não ouviu dizer-lhe que ceguisse pela direita?!
— Desculpe, senhor guarda, mas eu sou canho: o...

Madame Ceieste do O', valente extra-lúcida da Rua dos Bacalhoeiros, denuncia-nos para o ano desportivo de 1927:

—Ganhamos em Madrid, o Portugal-Espanha em *foot-ball*, por 5-0.

—O governo cria imediatamente uma repartição nacional de Sport e Educação Física, consagrando anualmente 10.000 contos para o desenvolvimento desportivo.

—Ribeiro dos Reis torna-se modesto.

—José Santa é campeão do Mundo em todas as categorias.

—Cândido de Oliveira faz-se ermita e recolhe ao convento da Cartuxa.

—Bessone Basto atravessa a Mancha a nado.

—Felix Ermudes vende a bicicleta.

—Avila de Melo resolve que a F. P. F. A. nunca mais se faça representar nos congressos internacionais de *foot-ball*.

Os profissionais húngaros retiraram de Portugal com 7 vitórias, 2 empates, e mais duma centena de contos.

Ganharam desportivamente e financeiramente. A' bofetada: — perderam por muito.

Da Europa Central foi-nos já dado admirar o V. A. C., o T. V. E., o W. F. C. e o M. T. K.

Poucas combinações do alfabeto restarão. O sindicato organizador reserva-nos apenas o W. U.—um *team* do *association* muito higienico, em que o *goal-keeper* joga com um autoclismo por cima da trave. O aparelho funciona automaticamente de cada vez que se mete um *goal*, para que não vestem duvidas sobre a limpeza da jogada.

Antonio Soares, nadador, *foot-ballista*, *boxeur*, *rugbyman*, lutador, *sabreur*, jornalista desportivo e caricaturista do *Fixe*: nas horas vagas, consorciou-se no sabado passado.

A cerimonia religiosa obrigou o nosso querido camarada, segundo os ritos, a comungar e a confessar.

Usando dum diabolico estratagemma, Belo Redondo, áz da reportagem, conseguiu, sem ser visto, ficar junto do confessorario. E assim, anuncia-se que o proximo numero do *O Sport* de Lisboa trará uma pagina sensacional, sob o titulo *alléchant*:—«As confissões de Antonio Soares!»

Autorizando a F. I. F. A. o pagamento do *manque à gagner*, a Federação Portuguesa de *Foot-ball* paga aos internacionais, por ocasião de

treinos ou desafios em dias de semana, indemnizações por salario perdido.

No ultimo Portugal-Hungria, um dos seleccionados, não devia, por ser empregado do Estado, receber o *manque à gagner*. Mas o homem não se deu por satisfeito e reclamou cinquenta escudos argumentando que no dia do *match* arranjara em Lisboa um *ganch* que lhe rendia aquella importancia.

Apesar dos *ganch*s não constarem dos regulamentos, o tesoureiro da Federação pagou. A verba deverá ser lançada na rubrica: — *manque à payer*...

A proposito da corrida automobilista do quilometro de arranque, expusemos, num dos ultimos numeros, varios processos de publicidade—originaes e de seguro exito.

Como nos consta que eles foram geralmente bem accites, lembramos que o *water-polo* é tambem um optimo meio que não pode ser posto de lado. Sobre o rectangulo de jogo podem pintar-se anuncios sugestivos.

Entre os salpicos da agua, a assistencia poderá ler:

—Os impermeaveis «Oly-Ado» resistem a tudo, até á agua salgada!

Ou então:

—«Se não quiserem ficar «sequinhos» de todo, depositem o dinheiro no «Banco Prudencia».

Um esplendido *Sizaire Freres* descia ante-ontem á noite a Avenida, com uns não meros esplendidos farois. Três agentes do regimento de caçadores de multas, mandam-no parar.

E o *chauffeur* ouve esta saborosissima declaração:

—«O senhor vai ser multado para ficar sabendo fortuitamente que os farois são uns instrumentos luminantes; de segurança do transito, e não uma incandescencia cega, perigosa pgra os veiculantes do sentido inverso!»

Escribe-nos um leitor—assiduo como não podia deixar de ser—perguntando-nos o que é o *cricket*.

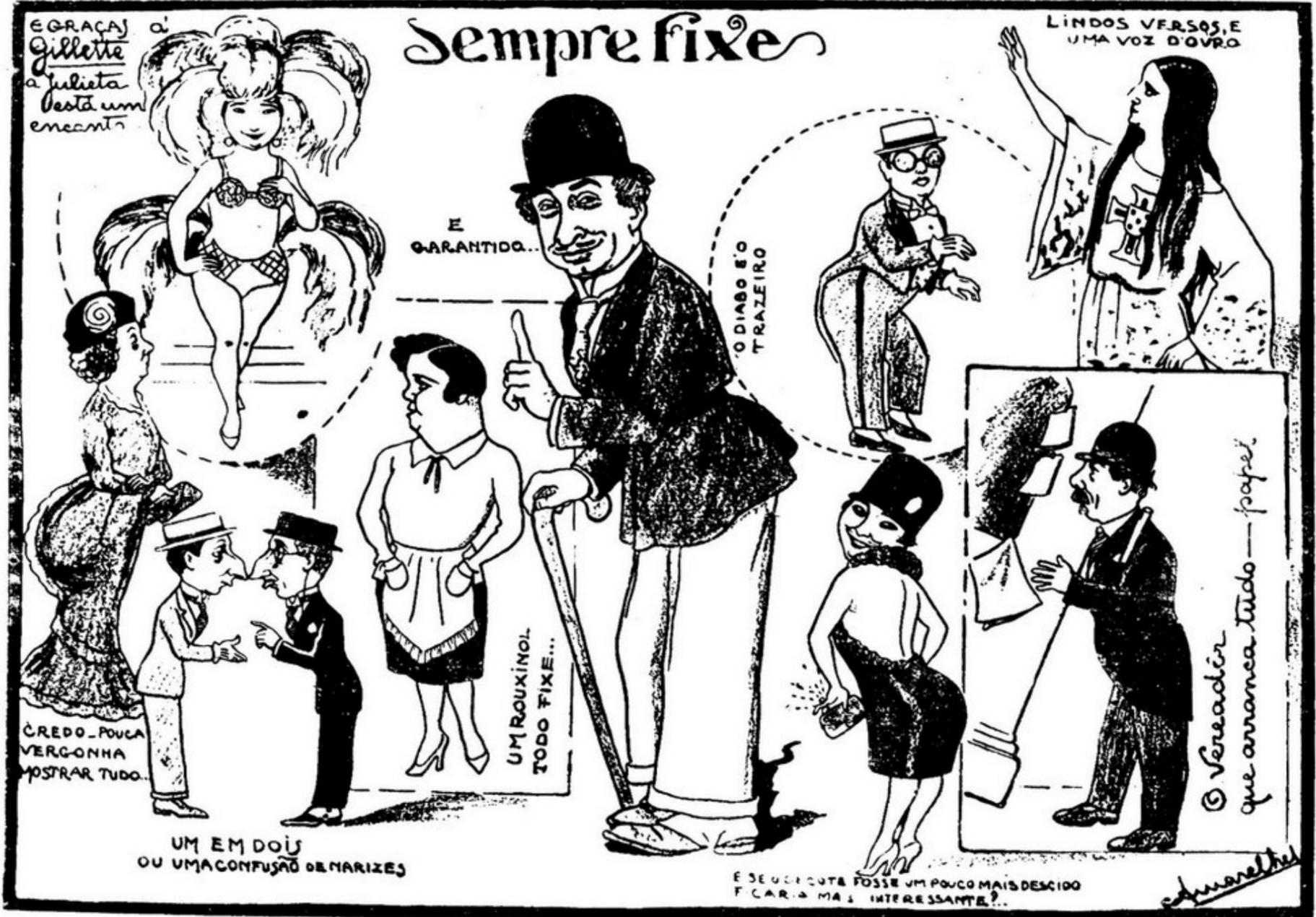
O *cricket* é um *sport* que se pratica com um *ball*, varios *bats*, alguns *wickets* e uns *stumps* sobrepujados por *bails*.

The *game* é disputada entre *bowlers*, *batters* e *keepers*, em dois *innings* compostos dum certo numero de *runs*...

Como vê, o mais difficil no *cricket*: — é saber inglés.

REBOLA-A-BOLA

A adoração dos três Reis "Magros,"



PANO DO FUNDO...